

**10 - 12 | 2025**

GLOBALIZAÇÃO E MEIO AMBIENTE: ATITUDES DOS TURISTAS EM ÉPOCAS FESTIVAS NAS PRAIAS DE MOÇAMBIQUE

Globalization and the Environment: tourist behavior during festive seasons on the beaches of Mozambique

Globalización y Medio Ambiente: Comportamiento de los turistas durante las temporadas festivas en las playas de Mozambique

Ana Felisberto Mussafo Cunha¹ | Dércio dos Santos Teresa Abreu²

¹ Doutoranda em Direito Privado, Universidade Católica de Moçambique; Mestre em Ciências Jurídicas pelo Instituto de Ciências e de Tecnologia de Moçambique; Formadora do Centro de Formação Jurídica e Judiciária de Moçambique; Juíza Desembargadora; 0009-0001-5644-9195; acunha2576@gmail.com

² PhD in Educational Innovation; Mestre em Ciências Políticas e Estudos Africanos; Pós-Graduado em Infecção por VIH e Terapêutica Antirretrovírica; Frequência do Mestrado Integrado em Filosofia & Teologia; Licenciado e Bacharel em História Política e Gestão Pública; Instituto Superior de Gestão, Comércio e Finanças (ISGECOF); Universidade Rovuma; Universidade Católica de Moçambique; Academia Militar Marechal Samora Machel; Moçambique, 0009-0005-6171-6410, mwalimuabreu01.2020@gmail.com

Autor para correspondência: acunha2576@gmail.com

Data de recepção: 25-06-2025

Data de aceitação: 01-07-2025

Data da publicação: 10-12-2025

Como citar este Resumo: Cunha, A. F. M. & Abreu, D. S. T. (2025). *Globalização e meio ambiente: Atitudes dos turistas em épocas festivas nas praias de Moçambique*. ALBA – ISFIC Research and Science Journal, 1(10), pp. 406-420. <https://alba.ac.mz/index.php/alba/issue/view/13>

RESUMO

O presente artigo subordinado ao tema “Globalização e Meio Ambiente: atitudes dos turistas em épocas festivas nas praias de Moçambique”, pretende reflectir sobre o nível de protecção do meio ambiente à volta da praia, por turistas, em contexto de globalização. Se por um lado, a globalização aproxima os turistas em termos de preferência por determinados lugares, lazer, comemorações, por outro, importa saber como a atitude dos turistas em épocas festivas pode afectar o meio ambiente à volta das praias, e quais as razões. O objectivo é reflectir sobre o impacto das atitudes dos turistas no meio ambiente, em épocas festivas, na era da globalização. Para a elaboração do trabalho optamos pela pesquisa qualitativa, que privilegia

a compreensão de um grupo social e recorremos à técnica de pesquisa bibliográfica e documental e ainda, exploratória, com entrevista semi-estruturada a pessoas directamente envolvidas na problemática do tema. Os resultados obtidos revelaram que os turistas têm conhecimento, através da diversa legislação existente e informações disponíveis, sobre a importância da protecção e preservação do meio ambiente, de modo particular nas praias, todavia, em épocas festivas, as suas atitudes são contrárias e prejudiciais ao meio ambiente. O estudo concluiu que é necessário que os turistas pautem por atitudes de não agressão ao meio ambiente, o que requer mudança de comportamento e elevação do nível de consciência dos turistas para que optem,



sempre, por atitudes de protecção e preservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Globalização, meio ambiente, Moçambique, praias, turistas

ABSTRACT

This study, entitled “Globalization and the Environment: Tourist Attitudes During Festive Seasons on Mozambique’s Beaches” explores the extent to which tourists contribute to the protection of the coastal environment in the context of globalization. While globalization fosters increased tourist flows and shared preferences for leisure and celebratory destinations, it is critical to assess how tourist behavior during festive periods may negatively impact beach ecosystems. The objective is to analyze the environmental consequences of tourist activities during such times and to identify the underlying behavioral motivations. A qualitative research methodology was employed, emphasizing the understanding of social behaviors through bibliographic and documentary analysis, complemented by exploratory fieldwork using semi-structured interviews with individuals directly involved in the subject matter. Findings indicate that although tourists are generally informed about the importance of environmental preservation—particularly due to existing legislation and public awareness efforts—their actions during festive periods often contradict this knowledge, leading to significant environmental degradation. The study concludes that there is an urgent need to promote behavioral change and increase environmental awareness among tourists to encourage consistent practices of environmental protection and conservation.

Keywords: Globalization, environment, Mozambique, beaches, tourist behavior.

RESUMEN

Este estudio, titulado “Globalización y Medio Ambiente: Actitudes de los Turistas Durante las Épocas Festivas en las Playas de Mozambique”, analiza en qué medida los turistas contribuyen a la protección del entorno costero en el contexto de

la globalización. Si bien la globalización fomenta un aumento en los flujos turísticos y en las preferencias compartidas por destinos de ocio y celebración, es fundamental evaluar cómo el comportamiento de los turistas durante los períodos festivos puede afectar negativamente a los ecosistemas playeros. El objetivo es analizar las consecuencias ambientales de las actividades turísticas en dichos contextos y comprender las motivaciones conductuales subyacentes. Se adoptó una metodología de investigación cualitativa, con énfasis en la comprensión de los comportamientos sociales mediante el análisis bibliográfico y documental, complementado con trabajo de campo exploratorio a través de entrevistas semiestructuradas a personas directamente involucradas en la problemática. Los resultados indican que, aunque los turistas están generalmente informados sobre la importancia de la preservación ambiental —especialmente debido a la legislación vigente y a las campañas de concienciación pública—, sus acciones durante las épocas festivas a menudo contradicen ese conocimiento, lo que conduce a una degradación ambiental significativa. El estudio concluye que es urgente promover un cambio de comportamiento y elevar el nivel de conciencia ambiental entre los turistas, con el fin de fomentar prácticas coherentes de protección y conservación del medio ambiente.

Palabras clave: Globalización, medio ambiente, Mozambique, playas, comportamiento turístico.

INTRODUÇÃO

Atualmente, todos vivemos em um mundo globalizado caracterizado por interação cada vez mais forte e coesa entre os povos de diversas nações, nos aspectos económicos, sociais, culturais, religiosos, tecnológicos e outros. Como sabemos, hoje, a globalização é

uma realidade incontornável, pois, o rápido avanço das tecnologias de informação e comunicação impulsionadas pela *internet*, permite que conhecimentos, hábitos e práticas diversas, cheguem de forma acelerada e em simultâneo, à diversos cantos do mundo.

A globalização é um fenómeno fortemente galvanizado pelos negócios e as empresas transformam-se em parceiros naturais dos governos contribuindo para o crescimento económico. Para Scholte (2000), a globalização é uma transformação da geografia social marcada pelo crescimento de espaços supra territoriais. Ela aumenta o fluxo de bens, serviços, capitais, pessoas e ideias através das fronteiras internacionais. O aumento dos fluxos, também acarreta impactos positivos e negativos na sociedade e no ambiente. É desta forma que se assiste pelo mundo inteiro, incluindo Moçambique, a comemorações festivas à beira da praia, aliadas ao consumo de comidas rápidas e bebidas conservadas e transportadas em recipientes fabricados, maioritariamente, à base de material plástico, por milhares de pessoas turistas.

Da observação feita à atitude dos turistas em épocas festivas, concretamente, em festa de final de ano, à beira da praia da Província de Maputo, no sul de Moçambique, que foi o

caso em estudo mas, que trata-se de um hábito que se repercute ao longo das praias do país inteiro, constatou-se, que durante a época festiva, as sobras de comida e os recipientes que servem para a conservação e transporte de alimentos e bebidas, são lançados na areia e na água da praia, causando poluição do meio circundante, das águas do mar e consequentemente, a degradação da biodiversidade existente.

Diversos instrumentos legais regulam, internamente, a gestão e o uso das praias e a preservação do meio ambiente, com destaque para o Decreto nº 97/2020, de 4 de Outubro, que aprova o Regulamento de Gestão e Ordenamento da Zona Costeira e também, a nível internacional, como é o caso da Convenção de Ramsar (1971), que visa a conservação e uso sustentável das zonas húmidas, incluindo áreas costeiras e praias. Todavia, o que se constata do impacto da globalização no meio ambiente, derivado da procura crescente das belas praias de Moçambique, por milhares de turistas, aliado ao elevado índice de consumo de comidas rápidas e bebidas, é contrário à letra e espírito das previsões normativas. É mesmo por estas razões que no presente artigo pretendemos reflectir sobre o impacto das atitudes dos turistas no meio ambiente em épocas festivas, na era da globalização. Assim, o artigo procede à análise da conexão entre a

globalização, os turistas e as festividades de final de ano à beira da praia e discute o seu impacto no meio ambiente, de modo a perceber o nível de consciencialização dos turistas na protecção e preservação do meio ambiente que circunda as praias, em Moçambique.

O objectivo geral é de reflectir sobre o impacto das atitudes dos turistas na época festiva no meio ambiente na era da globalização. E, para a concretização do nosso objectivo geral, nos propomos especificamente à: caracterizar a atitude dos turistas em épocas das festividades, no local do estudo; descrever o ambiente que tem caracterizado o local em estudo durante a época das festividades; analisar o impacto da atitude dos turistas na época festiva para o meio ambiente. Com os resultados da pesquisa que agora é apresentada em forma de artigo, pretende-se contribuir para a elevação da consciência e do nível de protecção do meio ambiente face à globalização, tornando as praias mais limpas, mais saudáveis e mais atraentes, em prol do bem estar do planeta e da sobrevivência dos seres humanos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a elaboração do nosso estudo recorreremos à pesquisa qualitativa. A nossa opção a esta natureza de abordagem, deve-se ao facto de

pretendemos descrever um fenómeno que acontece num certo local, que são as atitudes dos turistas na época das festas ao longo das praias moçambicanas, e no caso em concreto, numa das praias da Província de Maputo, que por razões éticas achamos por bem não a identificar com precisão, como forma de proteger os informantes, uma vez que, parte destes são trabalhadores dos estabelecimentos turísticos usados no estudo. É importante referir que, a consulta bibliográfica e documental, foram técnicas altamente privilegiadas porque nos servimos de vários documentos legislativos para a nossa fundamentação. Numa outra perspectiva, a nossa pesquisa é exploratória, visto que, no nosso estudo, dedicamo-nos à obtenção de informações mais credíveis possíveis e bastante aprofundadas por percebemos a pertinência do estudo, o qual, quiçá, poderá servir de espelho do que acontece nas praias nos momentos festivos, e daí, quem de direito, possa tomar medidas preventivas com vista à protecção do meio ambiente, nossa “Casa Comum”, de acordo com Papa Francisco, citado em *Laudatus Si* (2015).

No que respeita às técnicas utilizadas, destacamos a recolha de dados a partir de inquérito por entrevista semi-estruturada, a consulta documental e bibliográfica. Optamos pela entrevista semi-estruturada,

por percebermos que ela nos permite perguntar e conversar à vontade com os participantes da pesquisa, para além de dar a oportunidade aos mesmos de expor tudo o que pensam sobre o tema em análise. Fizemos parte destes, 1 (um) gerente, do restaurante seleccionado para o estudo, identificado ao longo do texto com a letra G; 2 (dois) serventes do referido restaurante, identificados com a letra S e 3 (três) turistas, identificados com a letra T. Quanto aos procedimentos, o nosso estudo caracteriza-se por ser de caso, uma vez que, fizemos uma abordagem sobre o assunto em uma determinada praia, e que os resultados advindos não se podem generalizar como sendo modelo mas, podem servir de base para reflexão de casos conexos, pois, trata-se de um problema que se propaga por várias praias ao longo de todo o país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Província de Maputo, situada a Sul de Moçambique, é privilegiada por ter belas praias, de paisagens naturais únicas e distintas, que atraem vários turistas, internos e estrangeiros. As tecnologias de informação e comunicação através da *internet*, facilitam a partilha de informação e divulgação dos lugares turísticos pelo mundo inteiro, levando ao crescimento da procura de determinados

lugares, como as praias, por efeito da globalização.

Em Moçambique, as praias são frequentadas o ano inteiro. Mas, é durante a época de festividades, como a de final de ano, por exemplo, que se constata um grande número de turistas que desejam fazer a transição na praia. A festa de final de ano contém danças, cantorias, brincadeiras, recreio, comidas e bebidas, enfim, tudo é diversão e alegria. No que se refere à comidas e bebidas, com a expansão das cadeias de restauração e o avanço do conhecimento e uso da *internet* pelas pessoas, tornou-se cada vez mais crescente a divulgação e preferência por comidas rápidas e bebidas pré-fabricadas como os refrigerantes, sumos, alcoolizados ou não, muitas vezes comercializados através de um sistema rápido e flexível denominado *take away*, que significa “leva e vá”. Este mecanismo de venda permite que o comprador possa consumir a comida e bebida em qualquer lugar diverso do local da compra.

É desta forma que sucede em festa de final de ano, em que os turistas comprem as comidas e bebidas vendidas pelos restaurantes nas proximidades e levam tudo para comer e beber à beira da praia. Esta constatação é reforçada pelo pronunciamento de um dos



gerentes do restaurante em estudo, ao afirmar que:

De uns tempos para cá temos tirado benefícios financeiros crescentes no nosso empreendimento pois, o número de clientes tem aumentado a cada ano graças à divulgação da praia onde se encontra o nosso restaurante através da internet: é o efeito positivo da globalização, em simultâneo, permite que muitas pessoas tenham acesso à mesma informação. Este local é frequentado por muitos turistas nacionais e estrangeiros de várias origens, que celebram a festa de passagem de ano na praia. Nesse dia, os turistas preferem comidas rápidas, como grelhados, fritos, pizzas, e optam por fazer o pedido das comidas e bebidas no balcão de passagem. Após o pagamento, levam tudo para comer fora das mesas do restaurante (G).

Os restaurantes que serviram de referência para o presente estudo dispõem de mesas ao longo do seu recinto e nas proximidades da praia, num espaço delimitado para o consumo de refeições. No entanto, durante a festa, os turistas vão para além do limite estabelecido e levam consigo as comidas e bebidas, dado que foi confirmado por S1, ao explicar que: *“À medida que o calor da festa se torna mais*

intenso, os turistas avançam para zonas mais próximas das águas da praia e mesmo para o seu interior, com comidas e bebidas e lá, também, festejam”.

Relativamente aos recipientes utilizados na conservação e transporte de comidas e bebidas durante a festa e as sobras de comidas, apuramos que, a maior parte dos turistas lança ou deixa estar tudo directamente na areia da praia, outros os resíduos sólidos e líquidos em pequenos sacos plásticos abandonados na areia e alguns poucos se recordam de meter tais resíduos em locais apropriados, os depósitos de lixo. Como por exemplo descreveu S2:

Após a festa, o meio à volta da praia fica bastante sujo, devido às sobras de comida, sacos plásticos, embalagens diversas, usados para a conservação de comidas, garrafas e latas de bebidas. Este lugar torna-se poluído como resultado da festa, desde a areia até as águas do mar. As garrafas de vidro, algumas delas partidas e latas amolgadas são um autêntico perigo para todos.

Ao percorrermos a praia em questão, verificamos que ela dispõe de baldes para depósito de lixo, o que levou à indagação para perceber o porquê dos turistas não os usarem. Diante das observações feitas e constatação da existência dos depósitos de lixo e o seu não

uso, questionamos aos serventes do restaurante e os turistas, se é costume e/ou habitual a disposição daqueles depósitos de lixo ao longo da orla marítima, ao que responderam nos seguintes termos:

Sim, a praia dispõe de baldes de lixo colocados em espaços visíveis para todos. Alguns turistas se recordam de jogar o lixo nos baldes, mas, outros não. Alguns se lembram de meter o lixo em sacos plásticos, mas, de seguida, deixam tudo na areia. O lixo deixado na areia da praia por vezes é recolhido para o mar, pela acção das águas e do vento, afectando a biodiversidade marinha (S1).

Por sua vez, um dos turistas entrevistados disse:

Eu e os meus amigos conhecemos esta bela praia através da internet (...). É muito complicado largar a festa para ir jogar o lixo nos baldes. Por vezes, nem nos lembramos disso porque estamos bêbados. A onda da festa é agradável sem interrupções e por isso, muitos de nós, largamos o lixo em qualquer lugar, na areia da praia, nas águas (T1).

Igualmente, questionada a gerência do restaurante sobre o processo de gestão do lixo produzido pelos turistas, pronunciou-se e afirmou que:

As acções de limpezas feitas não garantem a eliminação total dos resíduos em forma de lixo, sobretudo, quanto àquele que é jogado nas águas, porque as correntes arrastam tudo para longe e para as profundezas do mar, por um lado. Por outro, o restaurante não dispõe de meios suficientes para fazer face às necessidades de limpeza, pelo que, ela nunca é feita de forma completa (G).

Dos elementos que colhemos, constatou-se que a limpeza da praia não tem sido eficaz e pouco obedece à regularidade que permita a criação de um ambiente convidativo, seja para os usuários desportivos assim como para os turistas, uma vez que, do estudo feito apuramos que a mesma tem sido feita duas vezes por semana, pelos funcionários da administração local, por isso, os trabalhadores dos restaurantes têm a iniciativa de apoiar, de modo a tornar o espaço limpo e agradável de estar, o que tem sido difícil de alcançar. Atinente a esta observação, importa referir que, apesar da existência de instrumentos legais como a Política Costeira e Marinha de Moçambique (2017), a implementação e fiscalização ainda são limitadas. E, a coordenação entre os órgãos de turismo, meio ambiente e autoridades locais é deficiente, dificultando a aplicação de medidas efectivas, como é o caso da limitação de veículos em praias,



disposição de lixo e controle da construção irregular em zonas de protecção costeira (Mucavele & Almeida, 2018).

Neste contexto, não restam dúvidas que os cenários descritos revelam a prática de actos que atentam contra a preservação do meio ambiente. Com efeito, as praias moçambicanas estão sob crescente ameaça de actividades humanas intensivas, isto porque, a expansão de infraestruturas turísticas, especialmente ao longo das praias, tem provocado a destruição de habitats sensíveis (Machava, 2019).

Como forma de aferir o nível de conhecimento dos turistas sobre a necessidade, importância e pertinência de manter a praia sempre limpa, insistimos com a mesma questão, onde de forma categórica, o T2 disse que:

Sim, todos nós sabemos que devemos manter a praia limpa. Ou pelo menos devíamos saber. É como em qualquer lugar, incluindo a nossa própria casa, deve estar sempre limpa para nós mesmos e para os outros. E a praia dispõe de avisos escritos a chamar a atenção para não deitar lixo no chão. Mas, infelizmente, o aviso não é cumprido por todos.

E, dando continuidade, sobre as mesmas questões o T3, partilhando da mesma opinião, sublinhou que:

O problema de maus tratos ao ambiente da praia não tem nada a ver com falta de conhecimento das pessoas em mantê-la limpa. As pessoas têm conhecimento disso, através das informações que já trazem de casa, das famílias, da escola, das leis aprovadas, e mesmo aqui na praia há avisos escritos e visíveis para não comer e beber na praia. Mas, como se sabe, nem sempre, o ser humano cumpre as normas. De forma sorrateira, leva comida e bebida para a praia, consome e deixa as sobras em locais inapropriados, o que põe em causa a preservação do meio ambiente.

Referindo-se, ainda, ao mesmo assunto, o S2 desabafou, com visual transtornado, nos seguintes moldes:

Durante a festa torna-se muito complicado controlar as centenas de turistas ou chamar a atenção para não comer e beber na praia. Os turistas são muitos e, aproveitam-se da agitação da festa, aliada à fraca fiscalização do local e escapam, levando consigo comidas e bebidas para lugares não permitidos que se coma e beba na praia.

Como se pode aduzir, a partir dos pronunciamentos acima, percebe-se que os turistas têm a noção sobre a necessidade, importância e pertinência da conservação das praias e do meio ambiente no geral, mas, o que acontece na prática é o contrário, como aliás, Silva e Mussa (2020) apontam que muitos turistas demonstram preocupação ambiental em nível discursivo mas, mantêm comportamentos contraditórios quando em férias, especialmente em contextos de festa e descontração. Essa “desresponsabilização temporária” é reforçada por uma percepção de que o cuidado ambiental é responsabilidade dos moradores ou das autoridades locais. Durante épocas festivas, observa-se maior geração de lixo, uso de veículos motorizados nas praias e desrespeito a áreas de protecção ambiental. No entanto, há também iniciativas pontuais de turistas engajados, como mutirões de limpeza e apoio a projectos de conservação marinha, especialmente entre visitantes internacionais sensibilizados por campanhas de ecoturismo (Oliveira et al., 2022).

Uma outra questão colocada advinda das respostas que foram dadas pelos nossos entrevistados, consistiu em saber qual seria a solução desta problemática, de onde obtivemos as seguintes respostas dadas pelos diversos participantes na pesquisa: “a solução é muito simples e parte de nós

mesmos, aliás, de todos e de cada um, em qualquer lugar. Deve ocorrer mudança de comportamento com relação ao tratamento do meio ambiente, devemos amar mais, cuidar mais do meio à nossa volta (T1). E na mesma linha de pensamento T3, frisou que, “se cada um fizer a sua parte, todos sairemos a ganhar porque do meio ambiente depende a sobrevivência de todos os seres vivos”. No mesmo diapasão, G sublinha que:

A mudança de atitude é a chave para a preservação e salvação do meio ambiente. E isso, parte de cada um de nós, através da própria consciência sobre a importância do meio ambiente. De um outro prisma, intensificar a educação ambiental nas escolas e nos órgãos de comunicação social, certamente contribuirá para a elevação do nível de consciência de todos na preservação do meio ambiente.

Diante dos pronunciamentos dos nossos entrevistados em relação às possíveis soluções do problema em causa, fica claro que a promoção da educação ambiental dirigida à turistas, operadores turísticos e a comunidade em geral, seria uma ferramenta importante para mitigar impactos negativos, não só, mas também, as campanhas realizadas por diversas organizações e/ou projetos comunitários podem alterar os



comportamentos por aqueles manifestados, como o descarte correcto de resíduos e o respeito às áreas de preservação. No entanto, de acordo com a UNEP (2021) é necessário que essas acções sejam sistemáticas e integradas às políticas de turismo e meio ambiente. A atuação do sector hoteleiro é também fundamental, uma vez que, por exemplo, os hotéis e *resorts* podem funcionar como pontos de educação e exemplo de práticas sustentáveis, incentivando os seus hóspedes a adoptarem comportamentos conscientes.

Impacto das atitudes dos turistas ao meio ambiente, em festa de praia, no contexto da globalização

A globalização tem estimulado o crescimento do turismo internacional que, ao ampliar o acesso a destinos remotos, também contribui para o aumento da pegada ecológica global (UNWTO, 2021). No caso de Moçambique, praias como Wimbe em Cabo Delgado, Chocas - Mar em Nampula, Zalala na Zambézia, Tofo e Vilanculos em Inhambane, Bilene em Gaza e Ponta do Ouro em Maputo tornaram-se pólos turísticos relevantes, recebendo turistas locais, regionais e internacionais, principalmente durante feriados prolongados, festividades de natal e final de ano e Páscoa (Mucavele & Almeida, 2018). Esse aumento sazonal na demanda cria

uma sobrecarga temporária sobre os serviços locais, intensifica o uso de recursos naturais e agrava a produção de resíduos. Além disso, práticas turísticas insustentáveis, como acampamentos improvisados, festas na praia com som amplificado e consumo excessivo de produtos descartáveis, tornam-se frequentes nesses períodos (Nhantumbo & Chilundo, 2021).

A globalização tem promovido transformações profundas nas formas de consumo, lazer e mobilidade. Em Moçambique, essas mudanças se reflectem particularmente na dinâmica turística, onde praias antes pouco exploradas tornaram-se destinos populares, especialmente em períodos festivos. Essa intensificação do fluxo turístico, ao mesmo tempo em que impulsiona a economia local, gera pressões sobre os ecossistemas costeiros, agravando problemas como poluição, descarte inadequado de resíduos, erosão e perda de biodiversidade.

De acordo com Marshal McLuhan (2013),

O termo Globalização sugere a ideia de aldeia global, que face à evolução tecnológica reduz todo o planeta à situação de uma aldeia. A integração social, económica, política e cultural que tem ocorrido desde os finais do séc. XX é um fenómeno causado pela

necessidade cada vez maior dos mercados, dos países ditos “desenvolvidos”, devido à sua saturação, unindo o mundo sem grandes necessidades de investimento financeiro, baseando-se principalmente, no potencial da comunicação globalizada suportada pelas novas tecnologias, onde tudo se resolve à distância de um click (p. 9).

Hodiernamente, quando falamos sobre a questão do turismo, meio ambiente *versus* globalização, a *internet* aparece como um elemento muito importante de conexão. É por esta razão que, Melo e Cameira (2016), entendem que a *internet* alavancou a economia de forma muito significativa e na sequência, o comércio mundial, levando à sua integração e unificação global. Deste modo, verifica-se que a *internet* defende ideias, culturas, políticas, tradições, criando homogeneização e levando-nos ao lado cultural do conceito de aldeia global.

Foi neste contexto que, dos vários pronunciamentos apresentados pelos nossos entrevistados podemos constatar que a *internet* é um mecanismo que facilita a divulgação de informações sobre vários assuntos e dessa forma congrega pessoas de várias origens, dentro de um contexto de mundo global, que leva à preferência pelos

mesmos lugares, para festejar, como é o caso das praias, nosso objecto de estudo. Ainda de acordo com os nossos entrevistados e como efeito da globalização, tanto a praia em estudo como as outras existentes no país, tornaram-se cada vez mais conhecidas e mais procuradas por turistas que optam por nelas festejar a transição do fim de ano. Frisaram, que o ambiente que tem caracterizado o local em estudo após a celebração da festa de final de ano é muito poluído, pois, os turistas lançam as sobras de comida e bebidas, as garrafas e demais recipientes de conservação e transporte de comidas, na praia, causando impacto negativo ao meio ambiente, ao baixar a qualidade das águas do mar e consequentemente atentam contra a biodiversidade marinha tornando a praia inadequada para a convivência humana.

É a partir dessas constatações e informações que apontam para a prática de actos humanos que colidem com a integridade do meio ambiente, que procuramos saber da existência de mecanismos que visam a proteção e preservação do meio ambiente à volta da praia. Do estudo feito constatamos, que a nível interno e internacional, existe diversa legislação sobre a protecção e preservação do meio ambiente. Moçambique não foge à regra, ao dispor de uma vasta legislação sobre o meio ambiente, da qual destacamos, a Lei nº 20/2019, de 08 de Novembro, (Lei do mar);



o Decreto nº 21/2017, de 24 de Maio, que aprova o regulamento que estabelece o regime jurídico de utilização do espaço marítimo; o Decreto nº 89/2020, de 8 de Outubro, que aprova o Regulamento de Pesca Marítima.

Importa, ainda, destacar o Decreto nº 97/2020, de 4 de Outubro, que aprova o Regulamento de Gestão e Ordenamento da zona costeira e das praias, onde são estabelecidos princípios e normas de gestão, uso, ordenamento da zona costeira e das praias do país, que inclui a conservação dos ecossistemas marítimos; a manutenção da qualidade das águas e areias, o bem estar e saúde dos utentes e da biodiversidade marinha e costeira; regras para a preservação e combate da poluição marítima; normas para o exercício de actividades económicas, sociais, culturais, desportivas, lúdicas-recreativas e religiosas, de forma ambientalmente segura.

Nesta perspectiva, a globalização promove a mobilidade transnacional, transformando o turismo em um fenómeno de massa. As praias, tradicionalmente vistas como espaços de descanso, tornaram-se hoje em palcos de grandes festas — muitas vezes organizadas por empresas internacionais ou promovidas em redes sociais. Essa transformação é visível em Moçambique, onde destinos como o

objecto do nosso estudo atraem milhares de turistas sul-africanos durante diferentes momentos festivos. Segundo Hannam, Sheller e Urry (2006), o turismo global está cada vez mais ligado a experiências efêmeras e sensoriais, como festas e festivais. Nesse cenário, o meio ambiente passa a ser pano de fundo para a experiência turística mas, raramente objecto de cuidado ou protecção. Em Moçambique, essa lógica manifesta-se na ocupação desordenada das praias, falta de controle sobre o volume de visitantes e ausência de infraestrutura adequada para lidar com o lixo e esgoto gerados, como refere Machava (2019).

A nível internacional, diversos normativos ajudam a garantir que as zonas costeiras e as praias sejam protegidas e preservadas para as gerações futuras. Dentre eles, destaca-se, a Convenção de Ramsar, que visa a conservação e uso sustentável das zonas húmidas, incluindo áreas costeiras e praias; Convenção das Nações sobre o Direito do Mar (UNCLOS), (1981) estabelece um quadro legal para a protecção e preservação do meio marinho e das zonas costeiras, assinado em Montebay, Jamaica, a 10 de Dezembro de 1982; Convenção sobre a diversidade biológica (CDB), (1992), que promove a conservação da biodiversidade, incluindo ecossistemas costeiros; Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável (2015), inclui o

objectivo de desenvolvimento sustentável 14, que visa conservar e usar de forma sustentável os oceanos, mares e recursos marinhos; Protocolo de Nairobi (1985), faz parte da Convenção de Abidjan (1981), este protocolo trata da gestão integrada das zonas costeiras em África.

O estudo por nós feito, cruzado com os resultados obtidos por estudos realizados por Nhantumbo e Chilundo (2021) em contexto de uma temática similar, revelam que, em festas de praia, os turistas tendem a adoptar comportamentos ambientalmente irresponsáveis, destacando-se as seguintes atitudes: descartar resíduos sólidos na areia e no mar, especialmente plásticos e vidro; uso de veículos nas praias, que danificam ecossistemas frágeis como dunas e manguezais; consumo excessivo de álcool e substâncias ilícitas, que aumentam a desordem e dificultam acções de fiscalização; ignorar áreas de conservação. Essas atitudes reflectem, efectivamente, não apenas a ausência de regras claras, mas também uma cultura turística que desvaloriza o ambiente como património colectivo “nossa casa comum” como dito pelo Papa Francisco em *Laudatus Si* (2015). Algo ainda muito curioso, foi que, os nossos entrevistados S1, S2, S3 e o G, incluindo alguns turistas nacionais, confienciaram-nos que, muitas vezes, certos turistas internacionais

reproduzem comportamentos que seriam inaceitáveis em seus países de origem, contribuindo para o ciclo de degradação ambiental.

Os impactos das atitudes dos turistas em momentos das festas de praia nas zonas costeiras moçambicanas muitas das vezes, incluem o aumento da poluição por resíduos sólidos e líquidos; degradação de *habitats* naturais, como recifes de coral e florestas costeiras; sobre uso de recursos naturais, como água e energia; erosão costeira e destruição da vegetação nativa, que actua como barreira natural; conflitos sociais, devido à apropriação de espaços públicos para festas privadas. Esses impactos não apenas afectam o meio ambiente mas, também, comprometem a própria sustentabilidade do turismo como actividade económica. Assim, entendemos que a questão do impacto negativo das atitudes dos turistas ao meio ambiente à volta da praia não deriva unicamente da falta de conhecimento sobre a importância da preservação do meio ambiente mas, é resultado de baixo nível de consciencialização sobre a matéria e a necessidade de mudança de comportamento, daí que, para a boa conservação das praias e o meio ambiente, que é a nossa casa comum, visto que, todos nele habitamos e dele depende a nossa sobrevivência sustentável,



somos todos chamados a cuidá-lo e a ajudar os outros a igualmente a cuidá-lo.

CONCLUSÃO

A divulgação de informações e preferências cada vez mais crescentes pelas belas praias do país é consequência da globalização derivada da propagação da *internet* e domínio das tecnologias de informação e comunicação, reconhecendo-se o sentido positivo da globalização por impulsionar o turismo e consequentemente, o crescimento económico, por um lado. Por outro, percebe-se que a globalização pode afectar negativamente o meio ambiente, no qual se insere o turista, em festividade de fim de ano à beira da praia, quando as suas atitudes consistem em lançar na praia e nas águas do mar, resíduos sólidos e líquidos.

As atitudes dos turistas em festividades de final de ano descritas são resultado da fraca consciencialização individual sobre a importância do meio ambiente, como lugar que deve ser conservado e preservado, porquanto, imprescindível à vivência de todos os seres. Temos de compreender que a nossa sobrevivência depende da atitude de todos e de cada um, o que passa pela necessária mudança de comportamento, elevação do nível de consciencialização sobre a importância do meio ambiente e intensificação da educação ambiental.

As atitudes dos turistas frente ao meio ambiente durante festas de praia em Moçambique reflectem um contexto globalizado de consumo desenfreado e valorização da experiência imediata. Embora existam avanços na consciência ambiental, as práticas ainda são frágeis e dependem da existência de políticas públicas, fiscalização e envolvimento comunitário. Para garantir a sustentabilidade do turismo costeiro, é urgente repensar o modelo de festas de praia, promovendo práticas mais responsáveis e compatíveis com a preservação dos ecossistemas marinhos e costeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agenda 2030 Para o Desenvolvimento sustentável.* (2015). ODS 14. Nova York. [Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development | Department of Economic and Social Affairs](#)
- Convenção de Abidjan.* (1981). Promove a cooperação na proteção, gestão e desenvolvimento do meio marinho e costeiro da África ocidental, central e meridional. Abidjan, Cotê D'Ivoire. [Abidjan Convention | UNEP - UN Environment Programme](#)
- Convenção de Ramsar.* (1971). (sobre a conservação e uso sustentável das zonas húmidas, incluindo áreas costeiras e praias). Irão. [Convenção sobre Zonas Húmidas de Importância Internacional, Especialmente como Habitat de Aves Aquáticas \ \(Ramsar\)](#)
- Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar.* (1982). (UNCLOS).

- (estabelece um quadro legal para a proteção e preservação do meio marinho e das zonas costeiras). Montego Bay. [LexUriServ.do](#)
- Convenção sobre a Diversidade Biológica. (1992). (CDB). (promove a conservação da biodiversidade, incluindo ecossistemas costeiros). Nairobi. [Text of the Convention](#)
- Francisco. (2015). *‘Laudato Si’: Sobre o cuidado da casa comum*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Hannam, K., Sheller, M., & Urry, J. (2006). *Mobilities, immobilities and moorings*. *Mobilities*, 1(1), 1–22.
- Machava, D. (2019). *Impactos do turismo costeiro no meio ambiente em Moçambique: Estudo de caso em Vilanculos*. Maputo, Moçambique: Universidade Eduardo Mondlane.
- Melo, A. A. L. G. & Cameira, E. (2016). *O papel da internet no processo de globalização*. Lisboa, Portugal.
- Mucavele, C., & Almeida, M. (2018). *Gestão ambiental em zonas costeiras: desafios e oportunidades em Moçambique*. *Revista de Desenvolvimento Sustentável*, 10(2), 45–60.
- Nhantumbo, A., & Chilundo, M. (2021). *Poluição marinha e lixo plástico nas praias urbanas de Maputo: Uma análise crítica*. *Cadernos de Geografia e Meio Ambiente*, 7(1), 23–37.
- Oliveira, T., Mário, F., & Cossa, J. (2022). *Ecoturismo como instrumento de conservação: Perspectivas para as praias do sul de Moçambique*. *Turismo e Sociedade*, 15(3), 78–96.
- Protocolo de Nairobi. (1985). (trata da gestão integrada das zonas costeiras em Africa). Quénia, [The Nairobi Convention | UNEP - UN Environment Programme](#)
- Moçambique. (2019). *Lei nº 20/2019, de 8 de Novembro. Lei do Mar*. Estabelece o regime jurídico o regime aplicável ao exercício dos poderes de soberania e jurisdição sobre o espaço marítimo nacional. Boletim da República nº 216, I Série.
- Moçambique. (1997) *Lei nº 20/97, de 1 de Outubro. Lei do Ambiente*. Estabelece as bases legais para a utilização correcta do ambiente e dos seus componentes, assegurando um sistema de desenvolvimento sustentável no país. Boletim da República, nº 40, I Série.
- Moçambique. (2017). *Decreto nº 21/2017, de 24 de Maio*. Regulamento que estabelece o regime jurídico de utilização do espaço marítimo. Boletim da República nº 80, I Série.
- Moçambique. (2020). *Decreto nº 89/2020, de 8 de Outubro*. Regulamento de Pesca Marítima. Boletim da República nº 192, I Série.
- Moçambique. (2020). *Decreto nº 97/2020, de 4 de Outubro*. Regulamento de gestão e ordenamento da zona costeira e das praias. Boletim da República nº 211, I Série.
- McLuhan, M. in Portugal, Miguel N. e Cetano, J. (2013). *Desafios da Globalização*. Escolar Editora, Lisboa.
- Scholte, J. A. (2000). *Globalization: A Critical Introduction*, London, In MARTIN, Shaw, *Draft of a review for Millennium: Journal of International Studies*, London: Macmillan. ISBN 0-333-666022-6.
- Silva, J., & Mussa, C. (2020). *Ecossistemas costeiros em Moçambique: Estado atual e estratégias de conservação*. *Revista Africana de Estudos Ambientais*, 9(1), 55–72.
- UNEP – United Nations Environment Programme. (2021). *Sustainable Tourism and Coastal Ecosystems*. <https://www.unep.org>
- UNWTO – World Tourism Organization. (2021). *Tourism and Sustainable Development Goals – Progress Report*. <https://www.unwto.org>
- WWF Moçambique. (2020). *Conservação comunitária nas Quirimbas: Relatório de progresso 2018–2020*. <https://www.wwf.org.mz>



ALBA®

ISFIC RESEARCH AND SCIENCE JOURNAL



ALBA - ISFIC RESEARCH AND SCIENCE JOURNAL

ISSN PRINT: 3006-2489; ISSN ONLINE: 3006-2470

1ª Ed, Vol. 1, No. 10, Dezembro, 2025

<https://alba.ac.mz/index.php/alba/issue/view/13>

albaisfic@gmail.com; alba@isfic.ac.mz